



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11439 - Resumo Expandido - Trabalho - 4ª Reunião Científica da ANPEd Norte (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 07/GT 13 - Educação Infantil e Ensino Fundamental

A ARTE LITERÁRIA E A EDUCAÇÃO ESTÉTICA

Daiane Samara Bezerra Rocha - UFOPA

Agência e/ou Instituição Financiadora: FAPESPA

A ARTE LITERÁRIA E A EDUCAÇÃO ESTÉTICA

QUE É ISTO QUE SE CHAMA DE LITERATURA INFANTIL?

Daiane Samara Bezerra Rocha [\[1\]](#)

Francisco Egon da Conceição Pacheco [\[2\]](#)

Problemática: questões norteadoras

Que é literatura? Que é literatura infantil? Por que nem todo livro de “literatura infantil” é literatura infantil? Como é a recepção pela criança de histórias de literatura? Que é e como se faz educação literária na infância? O que uma criança vivencia ao ser oferecida uma experiência estética literária? Como o conceito de belo se desenvolve nela e como a literatura/literatura infantil participa desse processo?

É necessário compreender o que é isto que se tem chamado de literatura infantil antes do adensamento da questão de para que ler literatura com crianças. Estabelecer essa relação implica investigar o que se tem pesquisado e produzido sobre literatura infantil e seu objeto concreto, o livro, realizado pela criação coletiva intelectual dos adultos (autor, ilustrador, editor) e que tem por destinatário a criança e as proposições educacionais com literatura infantil.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Educação literária; Infância.

Introdução: literatura e arte

O objetivo central desta pesquisa (em andamento) é desenvolver um quadro conceitual para literatura, literatura infantil e educação literária, estabelecendo relações entre o processo de desenvolvimento da criança e a experiência literária. Isso não será possível sem que antes assumamos uma concepção de ciência que permita superar os consensos em torno da literatura - determinados por uma visão comum marcadamente orientada por tendências de mercado, didatização, instrumentalização, entretenimento, ativismos, marketing, campanhas de leitura, além de políticas públicas e programas de governo -; consensos que se articulam em torno de um vislumbre sempre positivo em relação à literatura como atitude do bem e que, romanticamente, sempre conduz ao aperfeiçoamento do sujeito leitor num expediente de valores elevados. Diante disso, objetivamos, especificamente, problematizar o panorama dado por meio de estudo analítico-crítico a fim de desenvolver uma síntese conceitual de qualidade e segurança epistemológica.

Começamos por estabelecer a relação entre literatura e arte. A concepção vigotskiana de arte ressalta a existência de uma psicologia social que subjaz a produção e fruição artística, destacando a fabulação literária como um tensionamento que organiza a dimensão representativa de certos aspectos gerais do real de forma entrelaçada à dimensão ideológica e particular, conformando-se numa atividade intelectual que se torna organizadora psíquica de uma série de sentimentos humanos complexos (VIGOTSKI, 1999). Arte, em sentido vigotskiano, é um construto de valor estético que, ao ser internalizado, plasma-se à consciência do indivíduo para ser modificado, ampliado, renovado ou até mesmo negado e destruído por ele. Trata-se de uma visão comprometida com a totalidade do fenômeno artístico, ou seja, arte nunca é só criação individual, tampouco se encontra congelada na ambiência social, antes é um movimento de intensa atividade entre o sujeito e o social, uma relação mediada pelo patrimônio artístico correspondente ao seu sistema cultural gerador.

Afirmar a literatura enquanto modalidade de arte pressupõe localizá-la no processo sócio-histórico. Ela é produto da cultura e se configura pela relação com o simbólico através da estruturação pelo sistema de escrita. Ainda que, na origem conceitual, encontre-se ligada ao texto escrito, o registro é anterior ao registro, a exemplo das iluminuras medievais, dos romances de cavalaria, marcados pela transmissão oral, bem como na arte dos aedos em a *Ilíada* e *Odisseia*. A transmissão para a língua escrita marca um salto na cultura, porque abre a possibilidade da permanência da produção literária para além do tempo e espaço contemporâneos a ela. Ainda que sejam marcas da literatura a dimensão do simbólico e o texto, esses não são seus únicos atributos, estando condicionada a certos princípios estéticos, já que produto da arte de determinada cultura.

Britto (2022), referindo Candido, sustenta que a literatura, geradora de ação e de trabalho, pressupõe a construção de objetos autônomos com estrutura e significado como forma de expressão da humanidade e como conhecimento e transmissão de conhecimento. Candido (2004) ressalta a condição humanizadora e formadora da personalidade da literatura pela possibilidade de ordenação do caos interior pela experiência vivenciada na dimensão da leitura, numa estruturação textual – a forma – e de sentido tal – o conteúdo – capaz de

estabelecer uma coerência mental no receptor pela relação dialética que se estabelece, ao nível da consciência, principalmente no inconsciente e subconsciente.

Por outro lado, a literatura é mais complexa que a mera (re)produção de fabulação estruturada no sistema de escrita, visto ser ela mesma anterior à escrita. Nem tudo é literatura, nem toda produção que se diz literária apresenta componentes suficientes que a configurem como tal. Como produto artístico da cultura humana, é caro que entendamos a literatura a partir da concepção de cultura, conforme Chauí (2009), da ação e trabalho: ação tal que modifica a vivência do humano, e trabalho de criação de novos sentidos, transcendentem à vida cotidiana e ao imediatismo.

Isso significa que a literatura não se limita ao sentido do prazer, do relaxamento, do gostoso, do entretenimento, mas também causa incômodo, porque exige movimentação para fora da conformidade do pensar e agir, implicando reconhecer eticamente que a experiência estética se justifica pela possibilidade de uma vida que humanize ao transcender o imediato, ainda que não resulte em prazer ou felicidade nem escape ao desígnio do Fado (BRITTO, 2015, p. 14), que Eco (2001) estabelece como princípio pelo qual atua a literatura, educar para o sofrimento de viver e para o fim imanente de todas as vidas.

Discussão I: literatura como arte da palavra

As modalidades de arte se realizam a partir de diferentes matérias e gestos de expressão, por exemplo: o fotógrafo trabalha com a luz e seu gesto expressivo é o olhar congelado pelo “clic” da câmara; a bailarina opera com a corporalidade e seu gesto é o ritmo; o pintor manipula pigmentos, gestando a figuração ou não-figuração do quadro. Um autor lidar com a palavra, exprimindo-a em uma composição textual, o que não elimina a possibilidade de vir acompanhada pela arte visual, estabelecendo parcerias com a pintura, a gravura, a fotografia, a ilustração – observemos que a relação texto x ilustração pode acontecer em pelo menos três níveis: nível descritivo: apenas retrata os elementos do texto; nível interpretativo: amplia a percepção do texto acrescentando-lhe informações intuídas pelos silêncios e espaços do texto; nível imbricativo: ilustração e texto entrelaçam-se por toda a obra de forma indissociável, a exemplo do livro ilustrado (LEITE, 2021).

Entendida como arte da palavra (LACERDA, 2021), a literatura ficaria a serviço da sociedade e de todos os constituintes, porém a estratificação de classes também configura a estratificação da oferta e produção de cultura, portanto, uma sociedade justa pressupõe a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis enquanto um direito inalienável (CANDIDO, 2004, p.191), mas nós não vivemos esta configuração. Esvaziada de seu sentido pleno, como ação e resultado de um processo histórico, como direito e conhecimento, ação e trabalho, se torna simulacro de si mesma, reduzida pela indústria cultural à reprodução do imediato para consumo aligeirado. Os livros se afastam dos elementos literários em resposta à reprodutibilidade de objetos culturais à sociedade de

consumo. Como cultura de massa, as obras de pensamento e de arte tendem:

1. de expressivas a se tornarem reprodutivas e repetitivas;
2. de trabalho da criação a se constituírem em eventos para consumo;
3. de experimentação do novo a se transmutarem em consagração do aprovado pela moda e pelo consumo;
4. de duradouras a se tornarem parte do mercado da moda, passageiro, efêmero, sem passado e sem futuro;
5. de formas de conhecimento que desvendam a realidade e instituem relações com o verdadeiro a se converterem em dissimulação, ilusão falsificadora, publicidade e propaganda (CHAUI, 2009, p. 38-39).

Discussão II: literatura e literatura infantil

A literatura infantil decorre do que é literatura e encarna todos os elementos desta; entretanto, a adjetivação que lhe é imposta – como coisa infantil – e por sê-lo, como produto menor, estabeleceu no correr do tempo uma série de elementos constitutivos estranhos da primeira. Assim como a primeira, demanda critérios estéticos, expressão do simbólico e, sobretudo, demanda palavras. Outros tantos critérios propostos, que se convencionou necessários para a produção do objeto, o livro para crianças, não são necessários à literatura, tais como: O escalonamento etário, o desenvolvimento cognitivo, a aquisição da linguagem verbal, a adequação de temas, a simplificação das linguagens verbal e visual, o tamanho do texto escrito, o número de páginas, a presença ou não do texto escrito são alguns critérios apreciados quando o assunto é produzir livros de literatura para crianças (BELMIRO; GALVÃO, 2017, p. 105).

A conceituação mais clara para literatura infantil é a de que esta é toda arte da palavra que se faz tendo com leitor imaginado a criança (BRITTO, 2022). A simplicidade da exposição é facilmente entendida quando percebendo a literatura um conceito distinto de livro. O livro é apenas veículo da literatura, sendo necessária a diferenciação entre a literatura infantil, quando o leitor imaginado é a criança, e a literatura que se oferece para crianças, quando o livro proposto é literário, mas não teve, por parte do autor, a intencionalidade precípua de leitura para este público. Muitas das considerações problemáticas em redor dessa produção estão embasadas na noção de que livro e literatura são correspondentes, e que aquele voltado à infância deva ser “infantilizado” para corresponder a certa noção de criança, a de não-sujeito. Os elementos para a construção da narrativa diferem, aliando aspectos que objetivam “emular” o que se espera infantil, sendo a ilustração quase uma constante nos livros para crianças, e geralmente com uma grande ocupação do produto, enquanto há uma redução do texto, em quantidade e em complexidade, para melhor responder às (in)capacidades infantis, atendendo a expectativa, não da criança, mas do adulto que imagina a criança. A intencionalidade do autor vislumbra uma perspectiva de infância que pode ser manifestada na sua criação. Ainda que o receptor seja a criança, é o adulto o responsável pela escolha do livro e é a este adulto que o autor, comumente, tenta se reportar.

Mortatti (2001) define literatura infantil como textos endereçados para crianças, “em razão de certas características sedimentadas historicamente, por meio, entre outros, da expansão de um mercado editorial específico e de certas instâncias normatizadoras, como a escola e a academia” (p. 182), ainda que mais adiante reflita que esta responde, ou deveria, a uma hierarquização semântica – é primeiro uma literatura que tem por qualidade ser infantil. Logo, a definição que a autora propõe corresponde com precisão ao livro infantil. O problema da falsa correspondência entre objeto e forma é que favorece a incompreensão do que é, de fato, um produto literário para a infância. Ora, se aceitamos que todo livro feito e pensado no leitor infante é literatura, aceitamos que a qualidade estética do texto não seja fator determinante, e, ainda, que qualquer subgênero também será literatura, mesmo com ausência da palavra escrita ou da dimensão do simbólico. Este é um provável fator para a vasta produção de livros para crianças: a aceitação da ausência de critérios artísticos em detrimento da intencionalidade facilitadora, pedagógica, recreacional e reprodutivista do imediato.

Para Vigotski (2003), *é repulsiva e insuportável nas artes destinadas ao público infantil a falsa adaptação à psique do infante*, que mais corresponde a ideia do adulto – o destinatário do livro e a quem se reporta o autor - do que esta deveria ser. Belmiro e Galvão (2017) apontam essa problemática dos produtos destinados à infância, com ênfase no livro, ao declarar que nenhuma publicação infantil é neutra, sempre tem concepção de ver e entender a criança. Britto (2015) disserta sobre a importância da construção de um repertório, sem o qual não é possível que o jovem leitor exerça plenamente nenhuma dessas subjetivações. A noção de que às crianças devem ser apresentados textos lineares e curtos, facilitados de interpretação e significação, facilitados de olhar e ouvir e de ler e sentir embarreira o desenvolvimento do senso estético e frutivo.

Discussão III: educação literária na infância

Zilberman (2003) quando analisa as formas de realização da literatura infantil dentro dos espaços de educação, expõe o desafio que é fugir da presença constante da didatização, da quase necessidade de se usar o livro como instrumento de controle. A autora também propõe um caminho: o livro fornece condições a seu destinatário para a compreensão do mundo interior e do real circundante, também proporciona um lastro no qual se funda uma concepção autônoma da vida exterior. A literatura infantil, nessa medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura – a de “conhecimento do mundo e do ser”, como sugere Antônio Cândido (2004), o que representa um acesso à circunstância individual por intermédio da realidade criada pela fantasia do escritor. E vai mais além, propicia os elementos para uma emancipação pessoal, o que é a finalidade implícita do próprio saber (ZILBERMAN, 2003, p. 29).

Mas, que fazer com a literatura dentro das paredes da sala de aula? A questão proposta tem um motivo, além do histórico pedagógico: é dentro da escola que a maioria das crianças

no Brasil tem acesso aos textos, quase sempre dentro dos livros didáticos, e quando em livros de literatura, fazem parte de tarefas que não priorizam a apreciação estética. Entendemos que a literatura infantil não é acessório didático, embora possa ensinar. Também não é um brinquedo, embora possa divertir. Contudo, a redução ao lúdico ao instrumental é reduzir a literatura a outra dimensão (BRITTO, 2022).

Sobre o papel da escola, Farias (2021) aponta dois movimentos: o do discurso político, que coloca a escola, associada à educação, como de importância para todos os cortes sociais, porém discurso que não se faz no plano concreto. O segundo, mais contemporâneo, ainda aponta a escola como de importância inegável, mas tal como está estabelecida não prepararia os estudantes para o fazer pragmático, necessitando responder às demandas do sistema produtivo. A autora aponta a ideia que vai se propagando “pelos arautos da modernidade”, de que a escola necessária seria aquela da “criança que não é” mas que virá a ser, o que demonstra um claro retrocesso às considerações mais arcaicas da gênese da literatura infantil atrelada à educação - baseada no educar moralizante e pedagogizante nos moldes do que os adultos acreditavam ser adequado à sua noção de infância e em preparação para o mundo dos adultos, o mundo dos sujeitos (ZILBERMAN, 2003).

É fato que ler **para** crianças oportuna ampliar seu repertório e vocabulário, assim como facilita, em certa medida, o processo de ensino-aprendizagem, por ser atividade intelectual que exige domínio de si e que imprime dimensão da língua que escapa da oralidade. Não obstante, ler **com** crianças, dentro ou fora das instituições educativas, deveria servir ao mesmo propósito de ampliar o universo simbólico, oferecer objetos complexos da cultura que a criança não poderia facilmente partilhar em seus outros ambientes de convívio, favorecer a formação humana em detrimento da educação pragmática. A partir do ponto de que a criança pequena percebe a leitura, esta torna-se convite à experimentação e a organização simbólica, complementar a todas as outras formas de fabular e de perceber (BRITTO, 2018, p. 22).

Pelo exposto é possível inferir que a literatura infantil tende a ser encarada como **subatividade** a espera de um complemento didático que dê sentido à sua presença na escola. A escola, a ação docente e a pedagogia são e devem continuar sendo referências intelectuais importantes em literatura infantil. Contudo, é preciso mais espaço para a fruição literária como experiência estética e, portanto, ampliar a consciência pedagógica à compreensão de que a vivência literária participa intensamente da constituição da personalidade intelectual, afetiva e social da criança como uma experiência completa.

Conclusão

Literatura, literatura infantil e educação literária encontram-se alinhadas com o propósito formativo do ser humano, compreendendo-se a literatura enquanto arte da palavra que, no caso da literatura infantil, tem como leitor imaginado a criança, situando a escola

como lócus privilegiado onde a oferta e possibilidades de experiências literárias de apreciação e reflexão podem ocorrer de modo consistente.

Diante do excesso de visão positiva da literatura cristalizada pelo senso comum, entendemos a experiência literária enquanto espaço aberto de possibilidades estéticas, vivenciais e afetivas, visto que pessoas de todas as índoles leem e assim o fazem não para que fiquem melhores a priori, mas como exercício de um direito social. Assim, a emoção, a fabulação, as complexidades da literatura inscrevem-se como constituintes da própria cidadania, não a pseudocidadania do “cidadão de bem”, mas, da cidadania pertinente a um modelo de sociedade cujas relações encontram-se mediadas pelo signo escrito, o que torna a literatura infantil assunto de interesse social.

REFERÊNCIAS

BELMIRO, Celia Abicalil; GALVÃO, Cristiene Leite. O que faz de um livro um produto infantil? In: LIMA, Érica; FARIAS, Fabíola; LOPES, Raquel. As crianças e os Livros: reflexões sobre a leitura na primeira infância. Belo Horizonte: Fundação Municipal de Cultura, 2017, p. 105-127.

BRITTO, Luiz Percival Leme. Ler com crianças. Revista Exitus, Santarém/PA, Vol. 8, Nº 3, p. 17 - 31, SET/DEZ 2018.

_____. Os incômodos com, da e pela literatura infantil. Youtube, 25 de março de 2022.
<https://www.youtube.com/watch?v=LekvDNnvu2Q&t=1717s>

_____. Ao revés do avesso: leitura e formação. São Paulo: Pulo do gato, 2015.

CANDIDO, Antônio. Vários escritos. São Paulo: Ouro sobre azul, 2004.

CHAUÍ, Marilena. Cultura e democracia. Salvador: Secretaria de Cultura, Fundação Pedro Calmon, 2009.

ECO, Umberto. A literatura contra o efêmero. Folha de S, Paulo, 2001.

FARIAS, Fabíola. Ler com crianças – Literatura infantil, escola e educação. Conferência

Youtube, IX Seminário LELIT: Ler Literatura, Aprender e Viver. 2021.
<https://www.youtube.com/watch?v=Ki63XRK1oIw&t=1330s>

LACERDA, Nilma. A arte da palavra. Conferência Youtube, IX Seminário LELIT: Ler Literatura, Aprender e Viver. 2021. <https://www.youtube.com/watch?v=Lntb-zRVB-s&t=16s>

LEITE, Marcia. A produção editorial do livro infantil. Conferência Youtube, IX Seminário LELIT: Ler Literatura, Aprender e Viver. 2021. <https://www.youtube.com/watch?v=NdUx3u0uRik&t=5917s>

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Leitura crítica da literatura infantil. Itinerários, Araraquara, 17: 179-187, 2001.

VIGOTSKI, Liev Semionovich. Psicologia pedagógica. Tradução Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2003.

_____. Psicologia da arte. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ZILBERMAN, Regina. A literatura infantil na escola. 11^a ed. São Paulo: Global, 2003.

[1] Licenciada em Pedagogia (Ufopa, 2021); Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, Polo Santarém/Ufopa

[2] Mestre em Educação (Ufopa, 2020); Doutorando do Programa de Pós-graduação em Educação na Amazônia-PGEDA Rede Educanorte de Doutorado em Educação, Polo Santarém/Ufopa